



Docência crítica: contradições e perspectivas

A Educação, como prática social histórica, transforma-se pela ação dos homens e produz transformações nos que dela participam. Desta forma, sua práxis é sempre permeada por caminhos não lineares, complexos e sempre desafiadores.

A formação de professores reveste-se de enorme complexidade, uma vez que os processos educativos e pedagógicos serão sempre revestidos por imponderabilidades e por novas e sempre renovadas circunstâncias, que exigem do profissional educador uma prática sempre revigorada e crítica.

A consideração do caráter dialético das práticas pedagógicas permite compreender que é impossível existir uma relação direta entre o significante observável e o significado subjetivo que emana de cada relação pedagógica. Assim, as práticas pedagógicas serão, a cada momento, expressão do momento e das circunstâncias atuais; serão sínteses provisórias que vão se organizando no processo de ensino.

As situações de prática docente estão sempre sujeitas às circunstâncias imprevistas, não planejadas e desta forma, muitas vezes, os imprevistos acabam redirecionando o processo e permitindo uma reconfiguração da situação educativa. Por isso mesmo, o trabalho pedagógico requer espaço de ação e de análise ao não planejado, ao imprevisto, à desordem aparente, e isto deve requerer a ação coletiva, investigativa, dialógica e emancipatória entre alunos e professores.

Toda ação educativa carrega em seu fazer uma carga de intencionalidade que integra e organiza sua práxis, confluindo, de maneira dinâmica e histórica, para as características do contexto sociocultural bem como para as necessidades e possibilidades do momento. Requer também a contínua revisão das concepções teóricas e muita consciência das ações cotidianas, num amalgamar provisório gerador de novos conhecimentos.

Compreende-se que as práticas pedagógicas condicionam e instituem as práticas docentes que, então, reverberam as condições estruturais que as cercam. Desta forma, a sala de aula organiza-se pela teia de práticas pedagógicas presentes no espaço escolar.

A prática pedagógica emerge dessa multidimensionalidade que cerca o ato educativo, e funciona como algo além da *expressão do ofício dos professores*, uma vez que há traços culturais compartilhados, que condicionam, oprimem e revelam as possibilidades dessa expressão laboral.

Um grande antídoto para algum equilíbrio frente a tanta complexidade que cerca o ato educativo passa a ser a **docência crítica**: uma prática que dialoga com as circunstâncias; que cria e interpreta possibilidades e que não se deixa render às impossibilidades existentes.

A **docência crítica** evidencia que o ser professor necessita de espaço de liberdade e de criação. E um traço fundamental que marca esse ofício será a formação do professor para a autonomia crítica, o que lhe permitirá identificar as impossibilidades e lutar e resistir para colocar em articulação a práxis da liberdade.

Neste número 41 da Revista eletrônica **Pesquisaeduca**, temos o prazer de apresentar alguns artigos que buscam expressar a complexidade das práticas e das políticas que cercam a formação de professores e que também realçam as dificuldades para que a práxis pedagógica seja permeada pela criticidade e pela autonomia crítica.

Como focamos a **docência crítica**, este número começa com o artigo **Freire e a formação dialógica-crítica do sujeito leitor literário**, de Bruno Pereira dos Santos em parceria com Antônio Fernando Gouvêa da Silva. Os autores analisam a prática da leitura como uma importante atividade humana, constituída de relações sociais carregadas de materialidade histórica e de contradições. A presença desta prática na escola pode incorporar múltiplos valores desde que dialógica, crítica e criadora de sentido ao

aluno. Assim, o artigo realça a docência crítica como fundamental para a formação do leitor literário, analisando essa questão à luz de princípios teóricos da Educação em Paulo Freire e Paul Zumthor, que valorizam práticas metodológicas relevantes para a desenvolver no aluno desejos e curiosidades pelo ato de ler. Trata-se de uma reflexão sobre as possibilidades da leitura na escola como desencadeadora de novas leituras do mundo.

O segundo artigo vai nos instigar a pensar criticamente: **O que pode uma aula? Uma pergunta entre o pensar e o aprender no encontro com Gilles Deleuze**, artigo construído por Laurici Gomes que analisa as possibilidades críticas de uma aula. Utiliza os fundamentos teóricos do filósofo francês Gilles Deleuze e abre espaço para ponderações frente às inevitáveis articulações entre o aprender e o pensar, na perspectiva problematizadora. O artigo nos permite elaborar a perspectiva de que os encontros pedagógicos podem se transformar e produzir movimentos para a proposta de aulas mais significativas, participativas e permeadas por reflexões emancipatórias.

O terceiro artigo - **A subjetivação política como possibilidade de superação do ressentimento nas instituições escolares** - discutirá as consequências da transformação da Educação em mercadoria, seguindo a lógica econômica do neoliberalismo. O artigo é escrito por 3 autores: Murilo Marques de Oliveira; Thaianne Ferreira e Viviane Neves Legnani, no qual focam os impactos da lógica neoliberal nos processos de subjetivação dos atores escolares e o ressentimento gerado como um afeto recorrente no ambiente escolar, que tem atravessado o que hoje se denomina mal-estar na Educação. Para tanto se pautam no filósofo Ranciere para pensar possibilidades de se redimensionar e tensionar os processos de subjetivação política de forma a promover novas possibilidade de construir processos humanizadores no ambiente escolar.

A seguir, temos um estudo das possíveis contribuições do Programa Nacional de Formação de Professores, conhecido como PARFOR, elaborado por 2 autores: Mariana Bethônico e Ivan Rocha Neto. O artigo denomina-se: **Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica: um estudo sobre suas contribuições à adequação da formação docente**, no qual se analisa que o referido Programa, ao mesmo tempo que abre possibilidades para a formação mais crítica do professor, também apresenta limitações. Os autores consideram que o PARFOR pode contribuir com alguns elementos para uma relativa correção das práticas e processos de formação docente, especialmente em áreas mais carentes do país.

O quinto artigo também se pauta em discutir questões relativas às possibilidades de formações críticas de professores: **Narrativas docentes sobre formação: itinerâncias vocacionais em desconstrução**, escrito por Nilcelio Sacramento Sousa; Bruno Costa Lima Rossato, Adenir Carvalho Rodrigues. Os autores analisam dados de discussões realizadas **com** os professores sobre as percepções que construíram sobre seus

processos formativos, e de como o cotidiano escolar permitiu a sintetização de seus saberes docentes. Analisaram as percepções dos docentes na perspectiva de narrativas e concluíram que o *locus* de trabalho é o *espaçotempo* privilegiado de formação e valorização dos *saberesfazer*es no processo formativo.

O sexto artigo caminha na mesma direção do anterior, mas destaca o **início** da docência. O artigo se denomina **Relações da trajetória formativa profissional inicial e o início da docência em Educação Física na Educação Básica**, elaborado por Hugo Norberto Krug; Rodrigo de Rosso Krug e Marília de Rosso Krug. Os autores partem da complexidade do início da profissão docente e consideram que as trajetórias profissionais produzem muitas transformações no ser e estar na profissão. O estudo acompanhou professores de Educação Física e se pautou na *abordagem autobiográfica e puderam identificar a importância da escolha reflexiva do Curso* e das práticas ocorridas durante a Formação Profissional Inicial, bem como as práticas de acolhimento ocorridas no desenvolvimento da docência, o que pode determinar o futuro da relação e compromissos com o trabalho.

O sétimo artigo discute uma questão bastante contraditória e complexa: o racismo ambiental. O artigo **O Papel do PNBE 2014 - Anos Iniciais do Ensino Fundamental no combate ao Racismo Ambiental** foi escrito por Elenita Pinheiro de Queiroz Silva e María Emilia Landaeta Silva. Consideram as autoras que o Racismo Ambiental é uma problemática que permeia a sociedade brasileira. E que tal dificulta o desenvolvimento social e individual da população afrodescendente e indígena no Brasil, sendo as que experienciam o maior grau de vulnerabilidade. Consideram que a Educação, como instituição focada na instrução para a cidadania, tem a responsabilidade social de intervir nessa situação. As autoras analisam que nos livros do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE/MEC) 2014 - Anos iniciais do Ensino Fundamental, há algum(ns) sob a temática do Racismo Ambiental. A metodologia utilizada para tal fim priorizou a leitura das descrições das obras escritas em prosa para selecionar o *corpus* de análise. Os resultados indicam que nenhuma das obras selecionadas mencionam o termo, no entanto, existe o potencial para tratar do Racismo Ambiental nas escolas.

O oitavo artigo, elaborado pelas pesquisadoras Denise Macedo Ziliotto e Maria Eduarda Tavares Dutra, trabalha uma das consequências dessa ampla e profunda complexidade da/na prática docente: **adoecimento psíquico de universitárias(os): reflexões a partir da produção científica nacional**. O artigo visa a identificar e analisar produções científicas sobre o adoecimento psíquico de universitários, dada a relevância e a pouca visibilidade do tema na Educação Superior. A investigação foi feita por Revisão Sistemática nas bases Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com dados coletados de agosto a outubro de 2023. Foram encontradas 1641 produções, e 51 corresponderam aos critérios de inclusão. As autoras defendem

a importância dos serviços de Assistência Estudantil como um recurso decisivo para o percurso acadêmico dos(as) alunos(as), bem como a qualidade das relações entre as(os) discentes e estas(es) com as(os) professoras e professores.

No artigo **Cidadania digital: análise das perspectivas de universitários brasileiros**, os autores Andressa Agnês de Assis Silva, Priscila Costa Santos, André Felipe Costa Santos analisaram as perspectivas dos universitários acerca da cidadania digital no Brasil. Utilizando uma abordagem quanti-qualitativa de cunho exploratório, o estudo contou com a participação voluntária de 179 universitários que responderam questões relacionadas às dimensões analíticas da acessibilidade e do engajamento público e político em relação ao uso das tecnologias de informação e comunicação. Os resultados revelam uma relação complexa entre inclusão digital, desigualdades sociais e acessibilidade, destacando a necessidade de abordar não apenas o acesso, mas também as competências individuais e as oportunidades associadas ao uso de tecnologias digitais.

Esta Edição da Pesquiseduca apresenta ainda a resenha elaborada pelas pesquisadoras Rosângela Rodrigues dos Santos e Mary Gracy e Silva Lima, que pode nos animar na prática da docência crítica: em o livro de bell hooks **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Trad. Stephanie Borges. Rev. Laura Massunari; Tomoe Moroizumi. São Paulo: Elefante, 2021. 272p, as autoras discutem e recompõem o conceito de amor, problematizando suas ações na constituição da nossa humanidade. A constatação é a de que, para bell hooks, “o amor é ação e escolha que integra afeto, espiritualidade, honestidade, responsabilidade e compromisso em nossas relações humanas, para que a sua materialização seja efetiva”.

Espero que as leituras aqui sugeridas animem os leitores a seguirem na esperança de que a **prática docente crítica** pode cumprir o ideal freiriano do exercício da Pedagogia da Esperança, onde se constrói a convicção de que a utopia pedagógica e a autonomia crítica dos docentes podem produzir resistências às “maldades” das políticas neoliberais, que constroem e apequenam as práticas educativas.

Boa leitura!

Editora-chefe

Prof. Dra. Maria Amélia do Rosário Santoro Franco